

expressa seu amor durante o tempo de continência maduramente consentido.

A conjugalidade faz com que marido e mulher vivam todas as etapas da vida nas quais, de maneira dinâmica e processual, seus corpos vão se modificando ao longo dos anos; por ela o casal leva ou carrega junto tudo o que a vida propõe, tanto alegrias como tristezas.

Corporeidade e conjugalidade bem afinadas tornam possível viver intensamente as promessas feitas ao pé do altar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de nossa vida.

Os três textos pesquisados mostram que a essência da vida cristã é o seguimento de Jesus Cristo. O corpo na alma, o cristão no mundo, assim como marido e mulher são prefigurações da união indissolúvel que existe entre Cristo e a Igreja.

### Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulinas, 1973.

CAFFAREL, Henri. *O amor e a Graça*, São Paulo: Flamboyant, 1961.

COMPÊNDIO DO VATICANO II, Petrópolis: Vozes, 1991.

JOÃO PAULO II. Papa. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*, 4 ed., São Paulo: Loyola, 1995.

JOÃO PAULO II. Papa. *Carta Encíclica Veritatis Splendor O Splendor da Verdade*, 3ª ed., São Paulo: Loyola, 1994.

PADRES APOLOGISTAS. [introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin], São Paulo: Paulus, 1995.

RAVASI, Gianfranco. *Cântico dos Cânticos* [tradução José Raimundo Vidigal], São Paulo: Paulinas, 1988.

SARAIVA, Altimira de Sampaio Pinto. *Conjugalidade* [Trabalho de Síntese Teológica São Paulo: 1997].

TÜCHLE, Germano. Reforma e Contra-reforma, in: *Nova História da Igreja*. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1983.

Altimira de Sampaio Pinto Saraiva é Mestranda em Teologia Moral na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, S.P.

## COM MARIA NO TERCEIRO MILÊNIO

Pe. Dr. Pedro Iwashita CSSp

### 1. INTRODUÇÃO

Com o sim de Maria (Lc 1, 38), há dois mil anos, teve início a história do tempo cristão, do tempo da Igreja (TM 10), cujo jubileu estamos para celebrar em breve. Jesus Cristo, sua vida, morte e ressurreição, é o centro da catequese primitiva (At 2, 14-36). O jubileu é, portanto, o Jubileu do Mistério da Encarnação e da Redenção (TM 1), para cuja realização, a Virgem Maria de Nazaré, contribuiu com todo o seu ser, com toda a sua vida de israelita, filha de Abraão, filha de Sião<sup>1</sup>, sendo a Mãe do Verbo Encarnado, primeira discípula de Jesus Cristo<sup>2</sup>, membro eminente da Igreja (At 1, 14), proclamada MÃE DA IGREJA<sup>3</sup> por Paulo VI, a 21 de novembro de 1964, presença ativa e

exemplar na vida da Igreja<sup>4</sup>, e peregrina e nossa companheira de caminhada. Tudo isso mostra a importância da pessoa de Maria no mistério da Salvação, e de sua presença na vida da Igreja e de cada cristão. Procuraremos refletir, aqui, como Maria está presente na Igreja e como a própria Igreja tem se preparado para o culto a Maria, do limiar do terceiro milênio, e ainda a pergunta intrigante, se se é justificável a continuidade do culto a Maria no terceiro milênio.

### 2. O FILHO DE DEUS ENCARNADO E MARIA, SUA MÃE, NO CENTRO DA HISTÓRIA

Primeiramente, é importante constatar que o Novo Testamento coloca não somente Jesus Cristo, mas tam-

<sup>1</sup> Cf. RATZINGER, Joseph, *Die Tochter Zion. Betrachtungen über den Marienglauben der Kirche*, Johannes Verlag Einsiedeln: 1990; cf. tb JOÃO PAULO II, *Redemptoris Mater*, 8.

<sup>2</sup> Cf. PAREDES, José Cristo Rey García, "María, primeira discípula y seguidora de Jesús", in: *EphMar XLVII*, 1997, janeiro-junho, pp. 35-56.

<sup>3</sup> AAS 56 (1964), 1015. Cf. tb. *Documentation Catholique* (D.C.) 6/12/1964, 1544: "É então para a sua glória e para o nosso consolo que nós proclamamos a Santíssima Virgem Maria MÃE DA IGREJA, isto é, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que nós a chamamos Mãe muito amada; e desejamos que, doravante, com este título tão suave, a Virgem seja ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão".

bém a mãe dele no centro da história quando soou o gongo da chegada da plenitude do tempo e o início de uma nova época. O Papa João Paulo II inicia a sua Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*<sup>5</sup>. lembrando as palavras do apóstolo Paulo: “Ao chegar a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4, 4). E a plenitude do tempo, segundo o Papa, “identifica-se com o mistério da Encarnação do Verbo, Filho consubstancial ao Pai, e com o mistério da Redenção do mundo. São Paulo sublinha, nesta passagem, que o Filho de Deus nasceu de mulher, nasceu sujeito à Lei, e veio ao mundo resgatar quantos estavam sujeitos à Lei, para poderem receber a adoção de filhos. E acrescenta: “Porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!”. A sua conclusão é verdadeiramente consoladora: “Portanto, já não és servo, mas filho; e, se és filho, também és herdeiro, pela graça de Deus” (Gl 4, 6-7; TM 1).

Certamente o interesse central de Paulo em Gl 4, 4, é o nascimento do Filho de Deus, do Filho consubstancial ao Pai, por quem veio a Redenção do mundo, de modo que, como diz o Papa, trata-se do anúncio do mistério da Encarnação, cujo jubileu de 2000 anos iremos celebrar, e para a realização da qual teve papel decisivo uma mulher que, historicamente, foi a Virgem Maria de Nazaré.

Em Gl 4, 4, embora Paulo não mencione o nome de Maria, esse texto pode ser considerado como a primeira testemunha mariana do Novo Testamento<sup>6</sup>. Nesse texto vê-se que Paulo se interessa pelo nascimento humano do Filho de Deus: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei... Aqui se encontra, provavelmente, um esquema de anúncio pré-paulino, inspirado por idéias da encarnação, sintetizado na fórmula: o *Filho se torna homem (e judeu)*, pois “nascido de mulher” é antiga formulação judaica típica, que no texto de Paulo, e mesmo já antes dele, está a serviço de

uma cristologia da encarnação, sem conter no entanto a idéia do nascimento virginal<sup>7</sup>.

É importante, enfim, ver que Paulo ligou não somente o Filho de Deus com a história do mundo e da salvação, mas também a mãe desse mesmo Filho. Mais significativo ainda é o fato de que Paulo, com seu conhecimento claro da preexistência e da divindade de Cristo e, igualmente, da realidade do seu nascimento terrestre, apresentou as duas premissas, das quais decorre, com lógica concludente, o *dogma fundamental de toda a doutrina marial: a maternidade divina dessa “mulher”*. Nesse sentido Gl 4,4 é dogmaticamente a afirmação mariológica mais importante do Novo Testamento. O Apóstolo dos gentios começa a ligação da mariologia com a cristologia mediante o testemunho da maternidade divina de Maria e através do início de uma visão histó-

rico-salvífica e antropológica do seu significado<sup>8</sup>. Apesar da importância mariológica de Gl 4, 4, ainda não se pode falar, aqui, em uma justificativa do culto marial no Novo Testamento.

### 3. FUNDAMENTOS DO CULTO A MARIA NO NOVO TESTAMENTO

Não se pode falar diretamente em culto a Maria no Novo Testamento, porque a perspectiva ou a prioridade é o anúncio do querigma, ou seja, o anúncio da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Mas já podemos falar em indícios bastante fortes de um culto a Maria, sobretudo no Evangelho de Lucas.

A anunciação a Maria (Lc 1,26-38) é apresentada em cenas vivas, cujo verdadeiro intuito se encontra no anúncio de Cristo, ligado, no entanto, de maneira inseparável ao mistério do nascimento virginal ou da concepção

<sup>7</sup> Cf. ROOVER, E. de, “La maternité virginal de Marie dans l’interprétation de Gl 4,4”, in: *Studiorum Paulinorum Congressus Intern. Cathol.*: AnalBibl 17-18, II (Roma: 1963) 17-37.

<sup>8</sup> Cf. SÖLL, Georg, *Handbuch der Dogmengeschichte*, Vol. II/4: Mariologie, Freiburg i. Br.: 1978, pp. 9-11. João Paulo II deu muita importância a Gl 4, 4-6 na encíclica *Redemptoris Mater* (Cf. RM 1), insistindo particularmente sobre a idéia de que, na plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, em cumprimento das promessas, nascido sob a Lei e nascido de uma mulher. É significativo que esse texto tenha sido o ponto de partida da encíclica papal, explicando toda a sua doutrina marial a partir dele. Outrossim é importante lembrar que o Papa inicia a sua Carta Apostólica: *Tertio Millennio Adveniente*, citando Gl 4,4, (Cf. TM 1).

<sup>4</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptoris Mater* (RM), de 25 de março de 1987.

<sup>5</sup> Cf. tb. RM 1

<sup>6</sup> Cf. MUSSNER, F., “Die Mutter Jesus im Neuen Testament”, in: *Maria – Eine ökumenische Herausforderung*, 9-30, Regensburg: 1984.

virginal por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria<sup>9</sup>: “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus” (cf. Lc 1,35). Obediente, Maria se submete à exigência de Deus: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” (cf. Lc 1,38), na fé firme de que para Deus “nada é impossível” (1,37)<sup>10</sup>. Devido à sua fé, Maria é louvada por sua prima Isabel: “Feliz a que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!” (Lc 1,45), ao que Maria res-

ponde com o hino de louvor do magnificat (Lc 1,46-55), pelo qual ela rende toda a glória a Deus: “A minha alma engrandece o Senhor”, na consciência de que o Senhor “olhou para a humilhação de sua serva”, para o anonimato e para a pobreza em que ela vive, fazendo-a mãe do seu Messias e Filho (cf. Lc 1,48a.49a), de modo que, doravante, ela será chamada “bem-aventurada” por todas as gerações (1,48)<sup>11</sup>.

A história da tradição do *Magnificat* não é fácil de esclarecer<sup>12</sup>. Mas é certo que a tradição centra o seu

interesse sobre Maria, a quem “o Todo-Poderoso fez grandes coisas” (Lc 1,49). No v. 48 Maria fez uma espécie de autoprofecia, traçando desde o momento da sua existência terrestre e pelas gerações futuras, a veneração da sua pessoa na Igreja. Lucas é consciente da importância da pessoa de Maria, pois segundo a história das formas, os exegetas não descobrem nenhuma objeção da parte de Lucas contra a veneração de Maria, do contrário não teria inserido a afirmação de Maria sobre a sua bem-aventurança futura através das “gerações todas” (v. 48), e favoravelmente também a exclamação de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!” (v. 42). A Igreja Antiga também, se ela tivesse tido algo contra o culto marial, teria certamente, na formação do canon, eliminado o magnificat do Evangelho de Lucas. Disso, pode-se muito bem dizer que o magnificat, de modo especial a proclamação marial: “Doravante as gerações todas me

chamarão bem-aventurada” (Lc 1,48b), tem o seu *Sitz im Leben* no culto marial que começa na Igreja Antiga<sup>13</sup>.

Esse culto marial não é posto em questão por Lc 11, 27-28, onde Jesus responde à mulher que lhe dissera: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram! Ele, porém, respondeu: Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam”, pois no contexto do evangelho de Lucas, o louvor pronunciado pela mulher é, com efeito, repetição do louvor pronunciado inicialmente por Isabel: “bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!” (Lc 1,42). Lucas não teria também aceito essa tradição na redação do seu Evangelho se tivesse havido, no seu tempo, uma recusa a tal louvor da pessoa da mãe de Jesus<sup>14</sup>.

Esses dados são suficientes para concluir que no Evangelho de Lucas se encontram já claros indícios de um culto marial em gestação e uma doutrina marial com os seguintes aspectos:

- Maria é a “cheia de graça” (Lc 1,28);
- Maria é a virgem intacta (Lc 1,27.34);
- Maria é a mãe do Messias (Lc 1,31-33);
- Maria é a mãe do Filho de Deus (Lc 1,35b);
- Maria é a desposada do Espírito Santo (Lc 1,35a);
- Maria é a obediente “serva do Senhor” (Lc 1,38);
- Maria é o exemplo daqueles que crêem (“Mãe dos que crêem”) (Lc 1,45);

<sup>9</sup> Cf. McHUGH, J. *La Mère de Jésus dans le Nouveau Testament*, Paris: 1977, 321-385.

<sup>10</sup> Id., 17.

Quanto à historicidade da concepção virginal segundo Lucas, a alternativa atual na pesquisa, segundo McHUGH, consiste no seguinte: “Hoje não resta mais que uma alternativa: ou a história em questão é um *theologoumenon*, um mito criado pela própria comunidade cristã, ou então, como deseja a antiga tradição, se trata do relato de um acontecimento histórico” Cf. id., 371. Ele tende mais para a confirmação da segunda hipótese: “segundo a crença tradicional, certamente se trata aqui de história”. Id., 371.

<sup>10</sup> Cf. Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação (ILCL), Petrópolis: 1986, 97: Maria “nos mostra que é pela fé que, a seu exemplo, o Povo de Deus torna-se capaz de exprimir em palavras e de traduzir em sua vida o mistério do designio de salvação e suas dimensões libertadoras no plano da existência individual e social”.

<sup>11</sup> Cf. MUSSNER, F., op. cit., 15-16.

<sup>12</sup> Id., 16. Cf. tb. LAURENTIN, R., *Structure et théologie de Luc I-II*, Paris: 1964, 82-86; Em relação à origem do magnificat colocam-se três perguntas: “Primeiro: é Maria o porta-voz do magnificat? Segundo: se é assim, redigiu Maria ela mesma o magnificat? Terceiro: o que nos diz o magnificat sobre a imagem global de Lucas sobre Maria? Id., 113. O texto não permite uma resposta absoluta sobre o autor. A crítica textual pode concluir que Maria é, no magnificat, o porta-voz de determinado estilo de religiosidade israelita e do espírito dos primeiros cristãos. Cf. Maria in: *Neun Testament (MNT), Eine Gemeinschaftsstudie von protestantischen und römisch-Katholischen Gelehrten*, Stuttgart: 1981, 117. Mas a simples crítica interna do texto não responde à questão da origem. Importante, porém, é que Lucas atribui o magnificat a Maria, e que o inseriu no seu evangelho num segundo momento da sua redação. Cf. PERETTO, E., *Verbete: Magnificat*, in: *Dicionário de Mariologia*, São Paulo: Paulus: 1995, 813-814.

- Maria é o exemplo daquele que ouve a Palavra de Deus (Lc 2,19.51b; 11,28);

—Maria é a “Mãe das dores” (Lc 2,35b);

—Maria é a bendita entre todas as mulheres e a proclamada bem aventurada por todas as gerações (Lc 1,42.48b)<sup>15</sup>.

Esses dados do Novo Testamento e outros textos ainda, especialmente Jo 2, 1-12; 19, 25-27, comprovam que a veneração e o culto a Maria não são uma invenção medieval da Igreja. No caso do *Magnificat*, “é claramente um hino litúrgico da primeira comunidade cristã que representa os sentimentos de Maria, de gratidão e gozo, e exprime sua fé no mistério da Encarnação. Quando se põe nos lábios da Virgem, o *Magnificat* transforma-se num cântico da Igreja que exprime aquilo que a Mãe do Senhor significa para ela”<sup>16</sup>. “O *Magnificat*

é um testemunho muito valioso de que a comemoração litúrgica de Maria entrou na Igreja antes que Lucas escrevesse seu Evangelho. Isso revela que Maria, desde a Igreja apostólica, forma parte da Liturgia e, portanto, da vida espiritual dos cristãos, os quais sempre oram segundo a fé na qual foram batizados”<sup>17</sup>.

#### 4. MARIA NA SIMBÓLICA DOS PADRES DA IGREJA<sup>18</sup>

Embora os textos do Novo Testamento sejam bastante sóbrios no que se refere a Maria, aquilo que é dito

<sup>15</sup> Id., 17-18. Cf. tb. SÖLL, op. cit., 18-19; MNT, 98-107. Convém notar que para o contexto de libertação na América Latina, a doutrina marial de Lucas, de modo especial do *Magnificat*, é importante. Cf. BOFF, L., “Maria, mulher profética e libertadora. A piedade mariana na teologia da libertação”, in: *REB*, mar/1978, 59-72; id. 1979, 2ª ed., 200-211. Cf. tb. AMATO, A., in: *Dicionário de Mariologia*, 646: “E a própria Virgem Santíssima parece consciente da sua condição de libertada por Deus, já que o cântico do magnificat se revela como a ‘carta magna’ dessa teologia da libertação.” A Congregação para a Doutrina da Fé na sua *Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação* n. 48, apresenta Maria como a representante dos pobres de Iahweh, ela mesma pobre, mas plenamente liberta, sendo pois facilmente reconhecida e identificada pelos pobres: “O senso da fé, tão vivo nos pequeninos, sabe reconhecer imediatamente toda a riqueza do *Magnificat*, ao mesmo tempo soteriológica e ética”. Cf. ILCL, 48.

<sup>16</sup> GONZÁLEZ, Carlos Ignacio SJ, *Na aurora do Terceiro Milênio*, São Paulo, Loyola: 1998, 197.

<sup>17</sup> Idem, 198.

<sup>18</sup> Cf. IWASHITA, Pedro, *Maria e Iemanjá. Análise de um sincretismo*, São Paulo, Paulinas: 1991, pp. 331-341; 349-364.

sobre ela já é de importância fundamental, e bem comprova a presença de Maria primeiramente na vida de Jesus e também na vida da Igreja apostólica, presença essa que continuará no desdobramento da Igreja, testemunhado pelos numerosos textos dos Padres da Igreja, que falaram e escreveram com entusiasmo sobre Maria<sup>19</sup>.

#### 4.1 Maria e a simbólica da Igreja

Nos primeiros séculos do cristianismo insistiu-se na identidade entre Maria e Igreja. A Igreja primitiva via a Igreja em Maria e Maria na Igreja. O seu grande amor pelo mistério da Igreja-Mãe só se compreende a partir do grande amor que havia pela mãe terrestre do Salvador<sup>20</sup>. Com efeito, na Igreja primitiva, conhecia-se mais claramente e com mais entusiasmo o mistério segundo o qual a palavra de

Deus, ao apresentar os traços de Maria Virgem-Mãe, nô-la apresentava como a “figura e recapitulação” da Igreja-Mãe. Via-se também a vida inteira da Mãe de Deus, da sua concepção imaculada até a sua assunção, como uma só e única prefiguração do ser e do destino da Igreja e da nossa própria vida espiritual. E é no seio desta Mãe, que nos deu o Deus Salvador, que começa a história da Igreja; e é na Igreja que se consuma, que se cumpre nossa própria destinação eterna; é nela que o mundo retorna a Deus e é salvo da decadência que a maldição do pecado original introduziu na criação<sup>21</sup>. Efrém, o Sírio, traduziu essa realidade de maneira profunda, dizendo: “A terra, esta mãe dos corpos humanos, foi maldita. Mas por amor do Corpo da Igreja, que jamais se corrompe, a terra deste Corpo foi abençoada desde o início: a terra da Igreja é, com efeito, o corpo de Maria, na qual ela foi semeada”<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> Uma seleção valiosa de textos patrísticos sobre Maria traz o livro: *Texte zur Theologie – Dogmatik*, editado por Wolfgang BEINERT, vol. 6: Mariologie, seleção de textos por Franz Courth, Verlag Styria, Graz Wien Köln: 1991. Cf. tb. LAURENTIN, René, *Marie Mère du Seigneur. Les beaux textes de deux millénaires*, Paris: Desclée, 1984.

<sup>20</sup> Cf. MÜLLER, A., *Ecclesia – Maria. Die Einheit Marias und der Kirche*, Freiburg/CH, 1955, 63, (PG 7, 1074)

<sup>21</sup> Id., 12-13.

<sup>22</sup> “Já que os corpos pecaram, eles mesmos morrem e a terra, que é a sua mãe, foi amaldiçoada, da mesma forma, por causa da Igreja que também é um corpo, mas um corpo que não se corrompe, a terra foi abençoada logo de início; o corpo de Maria, eis a terra da Igreja, na qual ela foi gerada”. Efrém Sírio, *Ev. conc. exp.*, in: MÖSINGER, G. *Evangelii concordantis expositio facta a S. Ephraemo doctore Syro...*, 48-49, cit. por Müller, 151.

Essa imagem patrística de Maria como sendo a terra da Igreja, o solo no qual está plantada, e onde estende também as suas raízes, nos conduz a outra idéia patrística de grande importância, a saber: Maria como tipo (*typos*) ou arquétipo (*arquetypos*) da Igreja. Segundo Otto Semmelroth<sup>23</sup>, Maria foi sempre vista na tradição teológica católica como a imagem primordial, arquétipo da Igreja ("Urbild der Kirche").

#### 4.2 Maria é a aurora que anuncia a nova luz, Cristo, o "Sol invictus"

Se Cristo é o sol da justiça e da Salvação, Maria é a aurora da Nova Aliança. Segundo Honório de Autun, "ela é aquela que avançando da massa pecadora, como a aurora, se levanta das trevas, da qual o sol da justiça aparece iluminando os que jazem nas trevas e nas sombras da morte"<sup>24</sup>. Se Maria é a aurora que anuncia o sol da justiça, a luz desse mesmo sol se anuncia nela. Na natureza,

o dia não substitui de repente a noite, e o sol não sai de um só golpe da noite, mas envia antecipadamente a luz para a aurora<sup>25</sup>; assim em Maria, como a aurora da salvação, a face do Cristo, sol da justiça, é refletida antecipadamente na claridade da aurora.

Na rica linguagem simbólica dos Padres, Maria é também a terra, de onde nasce o Cristo, o sol da justiça e da salvação. Santo Agostinho escrevia: "A verdade surgiu da terra, porque Cristo nasceu da Virgem"<sup>26</sup>.

Se Maria é a terra que deu à luz Cristo, ela é também, como dissemos, a aurora que anuncia a chegada desse sol da salvação. Rupert von Deutz escrevia: "Quando nasceste, ó bem-aventurada Virgem, nos apareceu a verdadeira aurora, como precursora do dia perpétuo; pois assim como a aurora anuncia o final da noite que passou e o começo do novo dia, do mesmo modo o teu nascimento - vindo da semente de Abraão, claridade vinda da árvore de Davi, aos quais coube com o juramento de Deus a promessa da bênção - foi o final das dores e o começo da consolação, o fim da tristeza e a fonte da alegria"<sup>27</sup>

Na festa da Natividade de Maria canta-se com alegria: "O teu nascimento, Virgem Mãe de Deus, anunciou a alegria para o mundo todo. De ti é que nasceu o sol da justiça - Cristo, nosso Deus - que anulando a palavra da maldição, nos deu a palavra de bênção; desconcertando a morte, nos deu a vida eterna"<sup>28</sup>.

### 5. MARIA NA IGREJA CONTEMPORÂNEA RUMO AO NOVO MILÊNIO

Segundo o Papa João Paulo II, "o Concílio Vaticano II constitui um acontecimento providencial, através do qual a Igreja iniciou a preparação próxima para o Jubileu do segundo milênio". Trata-se, realmente, de um Concílio semelhante aos anteriores e, todavia, tão diverso; um Concílio concentrado sobre o mistério de Cristo e da sua Igreja e simultanea-

mente, aberto ao mundo (TM 18). No campo da Mariologia e renovação do culto marial, o grande impulso foi dado, também, pelo Vaticano II, de modo que em vista do novo milênio com Maria, as metas traçadas pelo Concílio são decisivas.

#### 5.1 Maria na *Lumen Gentium*

A doutrina mariológica do Vaticano II, cristalizada sobretudo no capítulo VIII da Constituição dogmática *Lumen Gentium*,<sup>29</sup> representa uma síntese importante sobre o que a Igreja crê sobre Maria. Foi de vital importância que esse mínimo comum de doutrina marial tenha sido determinado, pois isso veio permitir a Paulo VI proclamar solenemente, no encerramento dos trabalhos da terceira etapa conciliar, a 21 novembro de 1964, Maria Santíssima, MÃE DA IGREJA.<sup>30</sup> Cândido Pozo pensa que o dis-

<sup>23</sup> Cf. SEMMELROTH, 1965, *Marie, archétype de l'Église*, Paris: Cf. tb., MD 4.

<sup>24</sup> Sigill. 6 (PL 172, 512A).

<sup>25</sup> Cf. EBEL, B., "Aufgang der Kirche. Eine Verkündigung über Maria in der Bildersprache der Väter", in: BÖGLER, Th. (Org.): *Maria in Liturgie und Lehrwort*, Maria Laach: 1954, 27.

<sup>26</sup> SANTO AGOSTINHO, Sermones 189 (PL 38, 1006).

<sup>27</sup> RUPERT VON DEUTZ, Cant. 6 (PL 168, 939).

<sup>28</sup> Breviar. Monast., In Nat. B.M.V., in 2 Vesp. Ant. ad Magn., cit. por EBEL, B., op. cit., 28.

<sup>29</sup> Cf. literatura concernente: DE FIORES, 1984, 3a ea., *Maria nel mistero di Cristo e della Chiesa*, Roma: LAURENTIN, 1967 e, Mutter Jesu-Mutter der Menschen. *Zum Verständnis der marianischen Lehre nach dem Konzil*, Limburg; SEMMELROTH, 1986, "Die selige jungfräuliche Gottesmutter Maria im Geheimnis Christi und der Kirche", in: *LThK* (Sonderausgabe) XII, 326-347, Freiburg i. Breisgau.

<sup>30</sup> AAS 56 (1964), 1015. Cf. tb. D.C. 6/12/1964, 1544: "É então para a sua glória e para o nosso consolo que nós proclamamos a Santíssima Virgem Maria MÃE DA IGREJA, isto é, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que nós a chamamos Mãe muito amada; e desejamos que, doravante, com este título tão suave, a Virgem seja ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão".

curso de Paulo VI e a respectiva proclamação de Maria, Mãe da Igreja, possibilitou à mariologia novo encaminhamento, pois a proclamação fora realizada, certamente, por motivos doutrinários<sup>31</sup>.

Com efeito, Paulo VI recolheu, na sua proclamação, dois grandes temas patrísticos, a saber: o paralelismo Maria e Igreja, e também o da transcendência de Maria com respeito à Igreja, uma vez que o título "Mãe da Igreja", enquanto afirmação de transcendência de Maria com respeito à Igreja, já aparece no século II<sup>32</sup>, fatos esses que vêm significar que o mistério de Maria é *mistério complexo*.

A intenção básica do Concílio foi a de "esclarecer com empenho tanto a missão da Bem-aventurada Virgem no mistério do Verbo Encarnado e do Corpo Místico, como os deveres dos homens remidos para com a Mãe de Deus, mãe de Cristo e mãe dos homens, mormente dos fiéis" (LG 142), sem querer ter tido a intenção de

propor a doutrina completa sobre Maria<sup>33</sup>. O importante é que Maria, na perspectiva da *Lumen Gentium*, é vista no mistério de Cristo e da Igreja, e não como uma figura isolada. (LG 140-141). Além desses aspectos uma intenção básica do Concílio foi a de possibilitar o diálogo ecumênico, evitando (no documento) termos que pudessem ferir a sensibilidade ecumênica e citando os textos bíblicos comuns às confissões cristãs quando se trata de Maria na Sagrada Escritura.

### 5.2 *Marialis Cultus* – promoção do culto mariano renovado na Igreja

Fazendo-se sentir a necessidade de compreensão e de aprofundamento do culto marial para a Igreja pós-conciliar, as orientações doutrinárias e práticas de Paulo VI a respeito do culto devido a Maria Santíssima Mãe da Igreja não se fizeram esperar, pois a 2 de fevereiro de 1974, na Festa da Apresentação do Senhor, ele publica a Exortação apostólica *Marialis Cultus*<sup>34</sup>,

<sup>31</sup> POZO, C., *María en la obra de la salvación, Madrid*, 1974, 59: "O papa procedeu à proclamação por razões doutrinárias". Cf. tb. René LAURENTIN, in: *EtMar*22, 1965, p.21: "Paulo VI fez este ato por razões doutrinárias que dependem de seu magistério".

<sup>32</sup> Cf. POZO, C. op. cit., 62-63.

<sup>33</sup> Cf. LG 142

<sup>34</sup> Paulo VI escreveu ainda outros documentos para promover o culto a Maria: Epístola Encíclica *Mense Maio* (29/04/1965) e Carta Encíclica *Christi Matri Rosarii* (15/09/1966).

que pela qualidade do tratamento, riqueza teológica e pastoral, constitui o documento mariano mais importante em seguida ao capítulo VIII da *Lumen Gentium*<sup>35</sup>.

Na promoção do culto a Maria, é preciso dar mais espaço que no passado à presença de Maria na piedade popular e na liturgia, considerando esta última, lugar teológico privilegiado segundo o lema *lex orandi, lex credendi*<sup>36</sup>. Importante também a necessidade de comunicar o ensinamento sobre Maria de modo adaptado aos homens de hoje, mostrando o significado da pessoa de Maria, pois "a leitura das divinas Escrituras, feita sob o impulso do Espírito Santo e tendo presentes as aquisições das ciências humanas e as várias situações do mundo contemporâneo, levará a descobrir que Maria pode bem ser tomada como modelo naquilo por que anelam os homens do nosso tempo" (MC 37). É dever essencial do mariólogo encontrar a relação entre os atuais problemas humanos e eclesiais e

Maria, mãe do Senhor, tais como a promoção da mulher e seu lugar na Igreja, a causa da paz e da vida, a exigência de comunhão etc., sob pena de perda do sentido e da relação com ela<sup>37</sup>.

Nesse contexto, se bem que a linha cristológica e a linha eclesiológica continuem mantendo a sua importância, a linha antropológica toma hoje especial interesse como núcleo organizador da mariologia. A dimensão antropológica da mariologia poderá mostrar que, se de um lado Maria é toda relativa a Deus, de outro lado, ela é uma das nossas, inteiramente do nosso lado, vivendo e representando de modo perfeito o que devemos ser diante de Deus<sup>38</sup>. "Quando celebramos Maria, celebramos uma maneira cristã de compreender a existência do homem; celebramos Maria como palavra de Deus pronunciada sobre nós mesmos; celebramos o modo mais sublime de compreender a nossa própria existência; celebramos e proclamamos a idéia cristã sobre o homem"<sup>39</sup>. A mariologia representaria,

<sup>35</sup> Cf. DE FIORES, S., *Maria, presenza viva nel popolo di Dio*, Roma: 1980, 101.

<sup>36</sup> Cf. DE FIORES, S., in: *Nuovo Dizionario di Mariologia*, 905-906.

<sup>37</sup> Idem, 906.

<sup>38</sup> Cf. AUTRAN, 1982, 207.

<sup>39</sup> Karl RAHNER, cit. por AUTRAN, A., *A humilde Virgem Maria*, São Paulo: 1982, 207-208, sem indicação da fonte.

nesse sentido, “uma antropologia sobrenatural realizada”<sup>40</sup>. Na sua referência a Maria, é possibilitado ao cristão compreender sua própria missão e vocação. À Igreja, Maria revela a sua natureza e ao homem, a sua vocação de ser imagem de Deus e a participar na vida divina, abrindo-se a Cristo na fé-doação<sup>41</sup>.

#### 5.4 *Maria no Documento de Puebla*

É importante mencionar a contribuição que a Igreja da América Latina trouxe para o aprofundamento da compreensão do papel de Maria. “No Documento de Puebla, o Magistério do Continente expôs pela primeira vez um pensamento mariológico relativamente desenvolvido. Esse texto representa um dos melhores documentos mariológicos de Magistério eclesial regional”<sup>42</sup>, apresentando-nos uma mariologia contextual; uma Maria vista com olhos latino-americanos, mas também uma mariologia dentro da eclesiologia, dentro do espírito do Vaticano II, na *Lumen Gentium VIII*. Maria em Puebla é o “rosto materno”

de Deus (DP 282); “educadora da fé” (DP 290); “protagonista da história” (P 283); “rosto do homem novo” (DP 298); “garantia da grandeza da mulher” (DP 299); “figura concreta em que culmina toda libertação” (DP 333). Por tudo isso, Maria é modelo de uma fé livre e libertadora (DP 293); que tem um papel importante na evangelização do Continente (DP 282); inserida na cultura do Continente (DP 283); e inspiradora da promoção mulher latino-americana (DP 299). A mariologia do documento de Puebla está enraizada na Escritura e na Tradição, mas apresenta traços inovadores da figura de Maria, discernindo no *sensus fidelium* um novo aspecto do rosto de Maria, apreciando-se os traços denunciadores, enunciadores, proféticos e libertadores de Maria (DP 844, Mc 37), e incentivando, assim, uma piedade mariana centrada sobretudo no seguimento de Maria.

#### 5.5 *Maria no Catecismo da Igreja Católica*

Aquilo que o Catecismo Católico ensina sobre Maria pode parecer muito breve, mas cada detalhe é muito rico<sup>43</sup>.

<sup>40</sup> AUTRAN, A., op. cit., 208.

<sup>41</sup> Cf. DE FIORES, S., *Maria, presenza viva nel popolo di Dio*, 16.

<sup>42</sup> BOFF, Frei Clodovis. *Maria, Maria no Documento de Puebla* (texto policopiado), Rio de Janeiro/Aparecida: 1997, p. 1.

<sup>43</sup> Cf. GONZÁLEZ, C. I., op. cit., p.200.

Como no Evangelho de Lucas, Maria não é apresentada isoladamente, mas incorporada à obra de seu Filho; e também na piedade, na oração litúrgica, o lugar que corresponde a Maria é aquele do plano salvífico da Santíssima Trindade em favor de nós. E dentro da dinâmica da salvação, Maria é apresentada como aquela que crê, e como sujeito das duas formas de “crer”: “como aquela que acreditou seja como pessoa e seja como ‘Filha de Sião’, como mulher-povo, como Igreja nascente. O Catecismo, mais que falar da fé da Virgem, prefere falar de Maria, como a ‘Crente’, por antonomásia: ‘A Virgem realiza da maneira mais perfeita a obediência da fé’ (CC 148)”<sup>44</sup>. E a dimensão da fé tornou fecunda toda a vida de Maria, de modo que Maria, a crente, é apelo eloqüente, para entrarmos no novo milênio fortalecidos na fé.

#### 6. O TEMA DA PREPARAÇÃO PARA O TERCEIRO MILÊNIO NAS ENCÍCLICAS DO PAPA JOÃO PAULO II

Já no início do seu pontificado, que teve começo a 22 de outubro de 1978, o Papa João Paulo II tratou do tema

da preparação para o novo milênio. Na sua primeira encíclica: *Redemptor Hominis*, de 14 de setembro de 1979, o Papa escrevia: “O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história. Para ele se dirigem o meu pensamento e o meu coração nesta hora solene da história, que a Igreja e a inteira família da humanidade contemporânea estão vivendo. Efetivamente, este tempo, no qual, depois do predileto Predecessor, João Paulo I, por seu misterioso desígnio, Deus me confiou o serviço universal ligado com a Cátedra de São Pedro em Roma, está muito próximo já do ano 2 mil. É difícil dizer, neste momento, o que aquele ano virá a marcar no quadrante da história humana, e como é que ele virá a ser para cada um dos povos, nações, países e continentes, muito embora se tente, desde agora, prever alguns eventos. Para a Igreja, para o Povo de Deus que se estendeu – ainda que de maneira desigual – até os mais longínquos confins da terra, esse ano virá a ser o ano de um grande Jubileu. Estamos já, portanto, aproximando-nos de tal data que – respeitando embora todas as correções devidas à exatidão cro-

<sup>44</sup> MASCIARELLI, Michele G., “Maria no Catecismo da Igreja Católica”, in: *Nova Aurora*, 1995/1, p. 43.

nológica – nos recordará e renovará em nós, de maneira particular, a consciência da verdade-chave da fé, expressa por São João nos inícios do seu Evangelho: ‘O Verbo fez-se carne e veio habitar entre nós’ (Jo 1,14), e em outra passagem: ‘Deus, de fato, amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna’ (Jo 3, 16)” (RH 1). O Papa apresenta aqui, de certa forma, o programa de seu pontificado, a saber: preparar a Igreja para entrar no novo milênio, fortalecida na fé e com o olhar confiante para o futuro, na certeza do amor de Deus que se manifestou em Jesus Cristo.

Em relação ao tema Maria e o novo milênio, o Papa tratou do assunto na Encíclica *Redemptoris Mater*<sup>45</sup>, mostrando Maria efetivamente unida à vida e à missão redentora do Filho, e unida à Igreja como membro e, ao mesmo tempo, como intercessora atenta à necessidades do povo cristão e da humanidade: “À medida que a Igreja se vai aproximando, juntamen-

te com toda a humanidade, da fronteira entre os dois milênios, ela por sua parte, com toda a comunidade dos que acreditam em Deus e em comunhão com todos os homens de boa vontade, aceita o grande desafio que se encerra nas palavras da antífona sobre ‘sobre o povo que e anela por erguer-se’; e, conjuntamente, dirige-se ao Redentor e à sua Mãe com a invocação: ‘Socorrei!’ Com efeito, a mesma Igreja vê – e atesta-o esta oração litúrgica – a bem-aventurada Mãe de Deus no mistério salvífico de Cristo e no seu próprio mistério, vê-a radicada profundamente na história da humanidade, na eterna vocação do homem, segundo o desígnio providencial que Deus dispôs eternamente para ele; vê-a presente como mãe e a participar nos múltiplos e complexos problemas que *hoje* acompanham a vida das pessoas individualmente, das famílias e das nações; vê-a como auxílio do povo cristão, na luta incessante entre o bem e o mal, para que ‘não caia’ ou, se caiu, para que ‘se erga’ (RM 52).

<sup>45</sup> Cf. TM 26: “A Encíclica *Redemptoris Mater*, então publicada, pôs em evidência o ensinamento conciliar sobre a presença da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja: há dois mil anos, o Filho de Deus fez-se homem por obra do Espírito Santo e nasceu da Imaculada Virgem Maria. O Ano Mariano foi quase um antecipação do Jubileu, contendo em si muito de quanto se deverá exprimir plenamente no ano 2000.”

## 7. COM MARIA RUMO AO NOVO MILÊNIO NA TERTIO MILLENNIO ADVENIENTE<sup>46</sup>

Primeiramente, o Papa coloca Maria em íntima associação ao destino e à missão do Filho de Deus (Gl 4,4; TM 1). A mulher que dá à luz o Verbo Encarnado lembra a mulher do Protoevangelho (Gn 3,15); a jovem, virgem, de Isaías 7, 14, e que historicamente se concretizou na jovem, virgem, de Nazaré da Galiléia, (Lc 1, 26-27). “Ao chegar a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4, 4). Associando-se ao destino e à missão do Filho de Deus, Maria contribuiu decisivamente para o acontecimento da Encarnação, e deste modo para a instauração do novo tempo, o tempo da plenitude, o tempo da Igreja, enfim o tempo da graça e da salvação. Deus enviou o

seu Filho, nascido de mulher, para remir os que estavam sob a Lei, mas mais importante ainda, para que recebêssemos a adoção filial (Gl 4, 5), ou seja, a filiação divina, de tal forma que o mesmo Espírito do seu Filho venha a clamar dentro de nós: “*Abba, Pai!*”. Trata-se portanto da “divinização” da criatura humana, o que vem trazer conseqüências de natureza antropológica<sup>47</sup> jamais imaginadas, ou seja, evidenciando o valor da pessoa humana, do homem e da mulher, que com a adoção filial têm a possibilidade de participar da natureza, da vida divina.

Pela Encarnação, o Filho de Deus assumiu a natureza humana a partir de dentro, em toda a sua realidade, em toda a sua contingência e possibilidades, para elevá-la e transformá-la. E aqui se vê o papel decisivo da mulher, Maria, que deu o seu assen-

<sup>46</sup> A respeito do tema existem as seguintes publicações: CASALE, U., “Maria nella Lettera Apostolica *Tertio Millennio Adveniente*”, in: *Theotokos*, Anno IV – 1996/2, pp. 599-614, Roma; “E meu espírito se encheu de júbilo por causa de Deus, meu Salvador”, in: GONZÁLEZ, Carlos Ignacio, *Na Aurora do Terceiro Milênio*, Loyola, São Paulo: 1998, pp. 197-215; CNBB, *Com Maria rumo ao novo milênio*. A mãe de Jesus na devoção, na Bíblia e nos dogmas, São Paulo, Paulus: 1997; “Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*: El despertar de María”, in: PORCILE SANTISO, Maria Teresa, *Con ojos de mujer – Identidade*, Ministério, Espiritualidad, Contemplación e Palabra, Montevideo: 1997; TRYON-MONTALEMBERT, Renée de, *L’an 2000 avec Marie*, Chalet, Paris: 1991.

<sup>47</sup> Cf. CASALE, U., “Maria nella Lettera Apostolica *Tertio Millennio Adveniente*”, in: *Theotokos*, Anno IV – 1996/2, pp. 599-614, Roma: pp. 599-603.



timento, o seu consentimento, o seu sim de adesão, para que o gonzo da plenitude soasse e tivesse começo um novo tempo, uma nova criação. Dessa forma, Maria está inseparavelmente ligada ao destino da humanidade, especialmente ao destino da Igreja. Paulo não está falando em culto marial, mas não é mais possível prescindir Maria do evento da salvação, que teve início com o mistério da Encarnação do Verbo. Não é mais possível prescindir Maria da vida da Igreja, da vida de cada batizado, elevado à condição de filho e filha de Deus.

Embora Paulo não afirme explicitamente, em Gl 4, 4-7, encontram-se os elementos necessários que justificam que Maria seja invocada, como tem acontecido na vida da Igreja, de Mãe da Redenção<sup>48</sup>, Mãe da Igreja, e de outros títulos ainda, que não são meros títulos, e sim a expressão de uma realidade profunda, mística e existencial. Maria é, verdadeiramente, Mãe de Deus<sup>49</sup> (DS 251) e Mãe

da Igreja<sup>50</sup> e, conseqüentemente, Mãe dos fiéis, nossa Mãe. Rumo ao novo milênio, Maria nos acompanha como Mãe, missão confiada a ela pelo próprio Cristo (cfr. Jo 19, 27a) e presente na Igreja, em atitude de oração (cfr. At 1, 14) e de terna solícitude por todos nós.

O Papa nos convida a descobrir a figura de Maria e a nos prepararmos para o Terceiro Milênio em sua companhia (TM 43), significando que Maria se encontra inserida na nossa vida teológica<sup>51</sup>.

A Carta Tertio Millennio nos apresenta Maria como modelo de fé:<sup>52</sup>

“A Virgem Santa, que estará presente de modo, por assim dizer, “transversal” ao longo de toda a fase preparatória, será contemplada neste primeiro ano sobretudo no mistério da sua divina Maternidade. Foi no seu seio que o Verbo se fez carne! A afirmação da centralidade de Cristo não pode, portanto, ser separada do reconhecimento do papel desempenha-

<sup>48</sup> Cf. SCHILLEBEECKX, E., *Maria, Mãe da Redenção. Linhas mestras religiosas do mistério mariano*, Petrópolis: Vozes, 1968.

<sup>49</sup> Cf. González, C.I., op. cit. p.202: “...o título *Mãe de Deus* é o central. Dele brota tudo que é dom em Maria. Mas que fique bem claro que Mãe de Deus significa ‘Mãe do Filho de Deus, na carne’. Ou seja, Ela é a mediadora humana da Encarnação”.

<sup>50</sup> PAULO VI, in: AAS 56 (1964), 1015.

<sup>51</sup> PORCILE SANTISO, M. T., op. cit., 156.

<sup>52</sup> Idem, p.156.

do pela sua Santíssima Mãe. O seu culto, se bem esclarecido, de modo nenhum pode trazer dano “à dignidade e eficácia do único Mediador, que é Cristo” (28). Na verdade, Maria aponta perenemente para o seu Filho divino e apresenta-se a todos os crentes como modelo de fé vivida no dia-a-dia. “A Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu esposo “(TM 43).

A Tertio Millennio nos apresenta Maria como mulher de esperança:<sup>53</sup>

“Maria, que concebeu o Verbo encarnado por obra do Espírito Santo e que depois, em toda a existência, se deixou guiar pela sua ação interior, será contemplada e imitada no decorrer deste ano sobretudo como a mulher dócil à voz do Espírito, mulher do silêncio e da escuta, mulher de esperança, que soube acolher como Abraão a vontade de Deus “esperando contra toda a esperança” (Rm 4, 18). Ela leva à sua expressão plena o anélito dos pobres de Iahweh, resplandecendo como modelo para quantos se confiam, com todo o coração, às promessas de Deus” (TM 48).

Maria é o exemplo perfeito do amor:<sup>54</sup> “Em todo este amplo horizonte de compromissos, Maria Santíssima, filha predestinada do Pai, apresentar-se-á ao olhar dos crentes como exemplo perfeito de amor a Deus e ao próximo. Como Ela própria afirma no cântico do *Magnificat*, grandes coisas fez n’Ela o Onipotente, cujo nome é Santo (cf. Lc 1, 49). O Pai escolheu Maria para uma missão única na história da salvação: ser Mãe do Salvador esperado. A Virgem respondeu à chamada de Deus com plena disponibilidade: “Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). A sua maternidade, iniciada em Nazaré e sumamente vivida em Jerusalém ao pé da Cruz, será sentida neste ano como afetuoso e premente convite dirigido a todos os filhos de Deus, para que regressem à casa do Pai, escutando a sua voz materna: “Fazei aquilo que Cristo vos disser” (cf. Jo 2, 5).” (TM 54). Essas três dimensões situam Maria dentro do mistério da Trindade, ou seja, Maria no mistério do Pai, do Filho e do Espírito Santo (TM 40-54).

A grande preocupação do Papa neste limiar do novo milênio é a unidade dos cristãos: “Neste crepúsculo do milênio, a Igreja deve dirigir-se com

<sup>53</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 156.

prece mais instante ao Espírito Santo, implorando-lhe a graça da unidade dos cristãos. Este é um problema crucial para o testemunho evangélico no mundo.” (TM 34) E Maria, muitas vezes vista como pedra de tropeço no caminho do diálogo ecumênico, pode na verdade nos trazer à reconciliação, assim como uma mãe reúne a família dispersa, ela pode ser o elo de ligação, se compreendermos a sua verdadeira função materna. O grande desejo do Papa não é somente um diálogo no nível das confissões cristãs, mas também um diálogo com o *secularismo* e com as grandes religiões (TM 52), tendo lugar proeminentemente o diálogo com os hebreus e os muçulmanos (TM53), e em “Em todo este amplo horizonte de compromissos, Maria Santíssima, filha predestinada do Pai, apresentar-se-á ao olhar dos crentes como exemplo perfeito de amor a Deus e ao próximo” (TM 54).

## 8. CONCLUSÃO

Justifica-se pensar em Maria presente no terceiro milênio, porque ela esteve presente desde o início da epopéia da salvação, no mistério de encarnação, na vida, morte e ressurreição de Jesus, no início da Igreja, na piedade, na oração, na liturgia e na vida da Igreja nesses dois mil anos de

existência. A compreensão e a vivência do culto a Maria fez avanços significativos nesse século, notadamente a partir do Vaticano II. O Concílio Vaticano II, na sua Constituição dogmática *Lumen Gentium*, legitimou o culto a Maria nos seguintes termos: “A Virgem Maria, que na Anunciação do Anjo recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo e trouxe ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor. Em vista dos méritos de seu Filho foi redimida de modo mais sublime e unida a ele por vínculo estreito e indissolúvel, é dotada com a missão sublime e a dignidade de ser Mãe do Filho de Deus, e por isso filha predileta do Pai e sacrário do Espírito Santo” (LG 53); “pelas graças que ela recebeu”, continua o Concílio, “supera de muito todas as outras criaturas, celestes e terrestres” (LG 53). Ela é, além disso, a “Mãe dos membros de Cristo”, “membro supereminente e de todo singular da Igreja, como seu tipo e modelo excelente na fé e na caridade”. Em vista de tudo isso “a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, honra-a com afeto de piedade filial como mãe santíssima” (LG 53). Ela caminha conosco para o novo milênio como aquela que acreditou, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, a primeira

discípula de Jesus, comprometida com a causa de seu povo. Com ela podemos certamente contar, e nesse sentido é importante aquilo que o Catecismo ensina sobre a oração mariana na Igreja, que é melhor não chamá-la de “oração de Maria”, mas de “oração com Maria” (CC 2673). “Isto deveria ser evidente. Oramos a Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Porque Maria é intercessora e, por isso mesmo, chegamos a Jesus por meio de Maria, oramos por Ela e com Ela, não ‘a ela’ no sentido de ela ser o fim a que nossa oração se dirige, pois Ela é apenas o caminho até o Filho, assim

como por Ele caminhamos até a Trindade”<sup>55</sup>. Orando com Maria, e como Maria eis o caminho seguro de acesso a Deus, à Trindade, para que todos sejam um, membros da mesma família do Pai, de modo que o terceiro milênio seja, de forma mais concreta, expressão do Reino de Deus.

*Pe. Dr. Pedro Iwashita CSSp.* é Doutor em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia da Universidade de Fribourg, Suíça, e professor titular na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

<sup>55</sup> GONZÁLEZ, C. I., op. cit., p. 201.